

Meu querido,

De cá para lá, ao lado, é natural que não me conheças. Pois, quem eu sou fica sabendo:

Sou um amor de rapariga, sem dúvida alguma, não havendo no mundo nem arredores. Filha do meu pai e da minha mãe, pessoas muito conhecidas em minha casa. Neta do meu avô e minha avó que quando morreu, deixou-me em testamento dois pares de tamancos para eu não dormir descalça na cama.

Meu belo rapaz que nunca o fostes! Eu tenho umas botas “corrajadas” ao luar, não havendo rapaz algum quem te possa comparar.

Meu querido, dá-me cabo da mioleira. Vou para comer e não como, depois de ter a pança cheia.

Escreve-te do outro mundo um amor que já foi teu. Quem tanto de ti gostava, já há tão tempo faleceu.

Estou-te aqui a escrever com o meu sentimento profundo, para te dar a notícia que já cheguei ao outro mundo. Quando cheguei ao outro mundo, toda a gente me esperava. Só para ver quem eu era, até o São Pedro cá estava.

Cá encontrei: o Nicolou Malaquias, o Neca Patarata, a filha do Espadinha mais a Rosa Batata. A folha tronchuda, a tona tomate, a Rosa costureira e o Manel alfaiate.

Esta vida de ser morto é uma vida regalada. Aqui não há trabalho, por isso, não se faz nada. O comer há de fartura e até de grande conforto. Já muita gente tem dito que nem no grande hotel do Porto. Goza-se sempre à vontade e, até demasiado. Desde que vim para aqui até já tenho engordado. Tenho cada posta de ossos que o Diabo já disse que eu estava uma rica moça.

23 de agosto de 2021, *Maria da Conceição Barbosa Coelho*